

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Beatriz Pessoa de Melo

Entre o Espetáculo e a Contestação: O Sportswashing e as Reações da Sociedade Civil e das
Entidades Esportivas

São Paulo

2025

Beatriz Pessoa de Melo

Entre o Espetáculo e a Contestação: O Sportswashing e as Reações da Sociedade Civil e das Entidades Esportivas

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em Relações Internacionais, sob a orientação da Professora Dra Priscila Vilela.

São Paulo

2025

Banca Examinadora

“Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”
MORAES, Vinicius. **Estoril**, 1939.

AGRADECIMENTOS

Escrever esses agradecimentos pode ser a parte mais difícil de todo esse trabalho. Uma página jamais seria suficiente para contemplar todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante a graduação e tiveram algum impacto na conclusão dela e na realização desse trabalho. Os últimos quatro anos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foram muito mais do que oito semestres de formação acadêmica, foram anos de formação pessoal. Dentro dessa universidade pude entender quem eu sou e quem queria ser como profissional e desenvolver o meu senso crítico diante do mundo.

Queria começar agradecendo o professor Augusto Rinalni que me guiou na disciplina de Oficina de Pesquisa, no quinto semestre, quando a ideia inicial desse projeto surgiu. Sem seu auxílio e confiança, não teria me arriscado com esse tema e trabalhado em algo que de fato me interessava e me movia. Também a minha orientadora, Priscila Vilela, por acreditar na minha visão e experiência para desenvolver essa pesquisa e por todo o apoio durante o último ano.

À Atlética do Ursão, e todos que estiveram ao meu lado e compartilharam essa experiência tão enriquecedora comigo. Com vocês eu aprendi que a graduação vai além da sala de aula, aprendi minha força e minhas habilidades e construí uma família. À equipe de vôlei e de basquete, que serviram como diversão no meio de uma rotina tão turbulenta. À Tainá, por ser minha fiel companheira todas as manhãs durante as aulas, na realização de trabalhos e na vida. Às minhas amigas, que se tornaram irmãs, e especialmente a Marina, por dividir a vida comigo e transformar um apartamento em perdizes em um lar.

À minha família, que mesmo a mil quilômetros de distância se fizeram presentes em todos os momentos importantes. Meu avô, por me proporcionar essa graduação e tantas outras oportunidades que sempre serei imensamente grata. Minha mãe, por sempre me incentivar e me dar a liberdade de ser eu mesma e traçar meu próprio caminho. Minha irmã, que talvez não saiba, mas é grande parte da minha força para continuar. Meu pai, que estava sempre a postos para me ajudar com o que fosse necessário. Sem vocês eu não chegaria até aqui.

Finalmente, queria agradecer a Martina, Pía e Mariana, por compartilharem comigo a vivência do intercâmbio e por fazerem a saudade de casa ser um pouco menor. Por me ouvirem falar sobre a pesquisa por horas e me darem o apoio e motivação que eu precisava. Bilbao é mais especial porque vocês estão aqui.

Sumário

1.	Introdução	9 a 13
2.	O trabalho com o esporte e as Relações Internacionais: um memorial	13 a 14
3.	Sportswashing: Origens, definições e debates contemporâneos	14 a 18
3.1.	A construção do conceito de <i>sportswashing</i>	
3.2.	O esporte como ferramenta política e diplomática	
3.3.	Quando a diplomacia vira <i>sportswashing</i> : debate conceitual	
3.4.	O caso do Qatar como exemplo paradigmático	
4.	Reações e Resistências ao <i>Sportswashing</i> : Sociedade Civil, Entidades Esportivas e a Complexidade da Cumplicidade	18 a 26
4.1.	Cumplicidade e silenciamento: a crítica ética ao <i>sportswashing</i>	
4.2.	Ações da sociedade civil e denúncias de organizações internacionais	
4.3.	As entidades esportivas e seus limites de atuação	
4.4.	Vozes internas e contradições no legado dos megaeventos	
5.	Conclusão	26 a 29

PESSOA, Beatriz. **Entre o Espetáculo e a Contestação: O Sportswashing e as Reações da Sociedade Civil e das Entidades Esportivas.** 2025

Este trabalho investiga o fenômeno do *sportswashing*, entendido como o uso do esporte e de megaeventos esportivos por Estados e instituições para projetar uma imagem positiva no sistema internacional, frequentemente ofuscando violações de direitos humanos e críticas políticas. O objetivo é compreender como o *sportswashing* opera como prática contemporânea de legitimação simbólica e quais mecanismos de resistência emergem diante dele. A pesquisa justifica-se pela crescente relevância do tema e pela escassez de estudos que abordem suas dimensões éticas e as reações de atores da sociedade civil e de entidades esportivas. Teoricamente, o trabalho dialoga com Nye (1990) e Mitzen (2006), além de incorporar contribuições críticas de Fruh, Archer e Wojtowicz (2022) e Black, Sinclair e Kearns (2024). Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa de caráter exploratório, baseada em revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com profissionais envolvidos na Copa do Mundo do Qatar 2022, complementada pela observação direta da *Vuelta a España* de 2025. Os resultados indicam que o *sportswashing* é sustentado por uma lógica de cumplicidade e neutralidade institucional, mas enfrenta resistências crescentes de movimentos sociais, jornalistas e atletas, que expõem suas contradições. Assim, o trabalho contribui para compreender o esporte como espaço simultâneo de poder e contestação política.

Palavras Chave: *Sportswashing*; Megaeventos esportivos; Qatar 2022; Sociedade civil.

ABSTRACT

PESSOA, Beatriz. **Entre o Espetáculo e a Contestação: O Sportswashing e as Reações da Sociedade Civil e das Entidades Esportivas.** 2025

This study investigates the phenomenon of *sportswashing*, defined as the use of sport and mega sporting events by states and institutions to project a positive international image while concealing human rights violations and political criticism. Its main goal is to understand how *sportswashing* functions as a contemporary practice of symbolic legitimation and what forms of resistance arise in response. The research is justified by the growing prominence of the topic and the lack of studies addressing its ethical implications and civil society reactions. Theoretically, it draws on Nye (1990) and Mitzen (2006), while incorporating critical perspectives from Fruh, Archer and Wojtowicz (2022) and Black, Sinclair and Kearns (2024). Methodologically, it follows a qualitative and exploratory approach, combining literature review, documental analysis, and interviews with professionals from the 2022 FIFA World Cup in Qatar, along with direct observation at the 2025 *Vuelta a España*. The findings suggest that *sportswashing* relies on institutional complicity and claims of neutrality but faces growing resistance from social movements, journalists, and athletes. The study highlights sport as both a space of power projection and a site of political contestation.

Keywords: *Sportswashing*; Mega sporting events; Complicity; Qatar 2022; Civil society.

1. Introdução

O esporte, por sua natureza universal e apelo emocional, tornou-se nas últimas décadas um espaço privilegiado de disputa simbólica na política internacional. Mais do que entretenimento ou competição, eventos esportivos mobilizam recursos financeiros, midiáticos

e diplomáticos em larga escala, sendo frequentemente apropriados por Estados como instrumentos de projeção de imagem e influência. Neste contexto, tem ganhado destaque o fenômeno do *sportswashing*, termo que designa o uso do esporte para mascarar práticas autoritárias, violações de direitos humanos ou crises de reputação, por meio da associação com valores positivos como paz, modernidade e diversidade (CHADWICK, 2022). A crescente presença desse fenômeno em debates acadêmicos e na cobertura jornalística internacional reflete uma preocupação com os usos políticos do esporte em contextos marcados por assimetrias de poder e disputas por legitimidade.

A realização da Copa do Mundo de Futebol Masculina da FIFA em 2022 no Qatar representou, para muitos analistas, um caso emblemático de *sportswashing* (ACCIOLI e SANTOS, 2022). Diversos relatórios denunciaram violações trabalhistas e abusos contra trabalhadores migrantes, incluindo jornadas exaustivas, atrasos salariais e restrições de mobilidade (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020; AMNESTY INTERNATIONAL, 2021). Também foram apontadas limitações severas à liberdade de expressão e à organização sindical, bem como a ausência de mecanismos efetivos de participação democrática (WORDEN, 2022). Ainda assim, o país conseguiu organizar um dos eventos mais assistidos da história recente, obtendo elogios pela infraestrutura e visibilidade global, em um esforço que, segundo Bibolov (2024), também buscou projetar estabilidade econômica e política por meio da vitrine esportiva. O caso catari não é isolado: outras experiências, como os Jogos Olímpicos de Pequim (2008 e 2022), a Copa do Mundo na Rússia (2018) e, mais recentemente, o crescente protagonismo da Arábia Saudita no cenário esportivo global, também foram alvo de críticas semelhantes. Esses eventos têm servido como plataformas para a reconfiguração da imagem internacional de regimes autoritários ou controversos, convertendo o espetáculo esportivo em instrumento de legitimação simbólica. Embora o caso do Qatar em 2022 tenha se tornado paradigmático, o fenômeno do *sportswashing* não se restringe a esse exemplo. Episódios mais recentes, como os protestos pró-Palestina que levaram ao cancelamento da etapa final da Vuelta a España em 2025 (AL JAZEERA, 2025; THE GUARDIAN, 2025; WASHINGTON POST, 2025), demonstram que o esporte continua sendo palco de disputas políticas intensas e de contestação social. Esses casos revelam que, longe de ser um processo estático, o *sportswashing* é constantemente tensionado por resistências que emergem em diferentes contextos e formas, desde campanhas digitais até manifestações de massa capazes de interromper competições internacionais.

O interesse de Estados não democráticos em sediar megaeventos esportivos tem se intensificado, acompanhado por investimentos massivos em clubes, federações e patrocínios globais. A visibilidade gerada por esses eventos é frequentemente usada como recurso para reposicionar países em meio a crises reputacionais, além de criar uma narrativa de modernidade, estabilidade e competência internacional. Tais estratégias, no entanto, também geram reações críticas, principalmente quando se confrontam com denúncias sistemáticas de violações de direitos e autoritarismo. Nesse contexto, o conceito de *sportswashing* ganha relevância analítica, permitindo compreender como o esporte é instrumentalizado na construção de legitimidade e como diferentes atores reagem a essas práticas (SKE, 2023; BLACK; SINCLAIR; KEARNS, 2024).

A literatura sobre *sportswashing* ainda está em consolidação, mas já aponta para um fenômeno multifacetado, que envolve atores estatais e não estatais, estratégias de comunicação, interesses econômicos, disputas geopolíticas e dilemas éticos (CHADWICK, 2022). Estudos recentes têm buscado compreender os limites conceituais do termo, sua aplicabilidade a diferentes contextos e os impactos políticos de sua adoção por Estados que enfrentam críticas sistemáticas no cenário internacional. Embora parte significativa da literatura se concentre em analisar o *sportswashing* como uma extensão das estratégias de *soft power* (NYE, 2004), outras abordagens propõem leituras mais críticas, relacionando o fenômeno à busca por segurança ontológica, à manipulação de narrativas e à fragilidade das estruturas de responsabilização internacional.

Assim, este trabalho busca não apenas compreender como Estados e entidades utilizam o esporte para projetar imagens positivas no cenário internacional, mas também mapear as múltiplas formas de resistência a essas práticas. Ao incluir a atuação de organizações da sociedade civil, de jornalistas, de atletas e até de torcedores, a pesquisa amplia a compreensão do *sportswashing* como um campo de disputa simbólica, onde narrativas oficiais convivem com críticas, boicotes e protestos que desafiam a legitimidade do espetáculo esportivo.

Além disso, observa-se uma lacuna importante na literatura sobre o tema. A maioria dos estudos sobre *sportswashing* tende a enquadrar o fenômeno como uma extensão das estratégias de *soft power*, destacando o uso do esporte como ferramenta de diplomacia pública e construção de imagem internacional (REICHE, 2014; ACCIOLI; SANTOS, 2022; NYE, 2004). Essa abordagem, embora relevante, muitas vezes simplifica a complexidade do fenômeno ao priorizar a intenção estatal e negligenciar os efeitos simbólicos e éticos das práticas envolvidas.

Em contraste, autores como Fruh, Archer e Wojtowicz (2022), em *Sportswashing: Complicity and Corruption*, e Black, Sinclair e Kearns (2024), em *Sport's Fetishistic Disavowal*, propõem leituras mais críticas ao relacionar o *sportswashing* à cumplicidade moral e ao comportamento contraditório de fãs e instituições. Da mesma forma, Moriconi (2025), em *Del deporte a la ceguera ideológica*, chama atenção para o risco de banalização conceitual, alertando que o uso indiscriminado do termo pode diluir seu potencial analítico e político. Esses trabalhos, ainda minoritários, ajudam a expandir o debate, aproximando o *sportswashing* de discussões éticas, comunicacionais e de segurança ontológica (MITZEN, 2006; ROSLER; PRESS-BARNATHAN, 2023), nas quais este estudo também se insere

Este trabalho se insere nesse debate, buscando sistematizar a produção acadêmica sobre o tema, destacar os principais pontos de tensão conceitual e propor uma análise crítica dos discursos e comportamentos frequentemente identificados como *sportswashing*. Ao deslocar o foco da intenção estratégica declarada pelos Estados para os efeitos observáveis dessas práticas, a pesquisa pretende iluminar os mecanismos simbólicos que operam por meio do esporte e discutir suas implicações para a legitimidade internacional, os direitos humanos e a ética esportiva. O trabalho também busca contribuir para a compreensão das respostas que vêm sendo formuladas por atores da sociedade civil, da mídia e das próprias entidades esportivas frente a esse fenômeno.

A escolha do tema justifica-se, em primeiro lugar, pela sua atualidade e impacto político, evidenciados pelo número crescente de eventos sediados por regimes não democráticos e pelas polêmicas que os acompanham. Em segundo lugar, pela lacuna identificada na literatura: apesar da ampliação dos estudos sobre *sportswashing*, são ainda escassos os trabalhos que tratam das reações e resistências à sua prática, bem como da dimensão ética que recai sobre atletas, jornalistas e espectadores. Por fim, o tema dialoga com questões centrais das Relações Internacionais, como diplomacia pública, poder simbólico, disputas por legitimidade e desigualdades estruturais no sistema internacional. Ao investigar como essas disputas simbólicas se manifestam no universo esportivo, o trabalho contribui para aprofundar o entendimento do esporte como um campo politicamente relevante nas dinâmicas contemporâneas da ordem internacional.

A pesquisa tem como objetivo principal analisar o fenômeno do *sportswashing* como prática contemporânea de construção de imagem internacional, com ênfase nos discursos que o sustentam e nas respostas críticas que ele tem provocado. A pergunta que orienta o trabalho é:

em que medida os comportamentos identificados como *sportswashing* são contestados ou legitimados no sistema internacional, e quais são os limites e implicações dessa prática para a imagem dos Estados e para os atores envolvidos nos megaeventos esportivos? A hipótese que guia a análise é a de que o *sportswashing*, embora eficaz como ferramenta de visibilidade, carrega contradições estruturais que o tornam vulnerável à contestação ética e política, especialmente quando não há correspondência entre imagem projetada e realidade interna.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa dialoga com autores que abordam o esporte como instrumento de projeção simbólica e *soft power*, como Joseph Nye (2004), e incorpora também a perspectiva da segurança ontológica proposta por Jennifer Mitzen (2006), que permite compreender como Estados buscam estabilidade identitária por meio da construção e manutenção de narrativas internacionais. Além disso, o trabalho mobiliza o argumento de Fruh, Archer e Wojtowicz (2022) sobre a cumplicidade involuntária gerada em torno dos megaeventos esportivos, como forma de analisar os dilemas éticos enfrentados por indivíduos e instituições envolvidas nessas práticas. Esses referenciais permitem articular os níveis de análise conceitual e prática, oferecendo uma abordagem integrada do fenômeno.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. O trabalho combina revisão bibliográfica, análise documental de relatórios de organizações internacionais, cobertura midiática e discursos institucionais, além de entrevistas com profissionais que atuaram na organização e na cobertura da Copa do Mundo de 2022 no Qatar. A abordagem adotada busca articular teoria e empiria, permitindo uma análise crítica tanto da construção do conceito quanto das experiências concretas associadas ao fenômeno. A combinação entre material teórico e dados empíricos busca dar conta da complexidade do objeto, abordando tanto os discursos de poder quanto às práticas cotidianas que os sustentam ou contestam.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No Capítulo 1, será feita uma sistematização do conceito de *sportswashing*, suas origens, disputas teóricas, usos na literatura e exemplos paradigmáticos, com destaque para o caso do Qatar. No Capítulo 2, o foco estará nas respostas ao *sportswashing*, com base no argumento de *Complicity and Corruption* (Fruh et al., 2022), nas entrevistas realizadas pela autora e em documentos que ilustram as tensões entre visibilidade internacional e silenciamento de críticas. Ao final, serão apresentadas as conclusões do estudo.

1. O trabalho com o esporte e as Relações Internacionais: um memorial

A escolha por investigar o fenômeno do *sportswashing* não surgiu de um interesse meramente teórico, mas de uma vivência prática e pessoal com o universo dos megaeventos esportivos. O ponto de partida foi a disciplina Oficina de Pesquisa, cursada durante a graduação em Relações Internacionais, momento em que comecei a refletir sobre como o esporte se insere nas dinâmicas políticas globais. Naquele período, eu havia acabado de retornar da experiência de trabalho nos Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023, onde pude observar de perto o funcionamento de um megaevento e o modo como ele mobiliza múltiplas dimensões da sociedade, desde a logística e o marketing até o impacto cultural e diplomático que um evento desse porte provoca em seu país-sede.

O contato direto com esse ambiente me despertou para a complexidade das relações entre esporte, imagem internacional e política. Trabalhar em Santiago me permitiu compreender como o esporte pode ser usado não apenas como instrumento de integração e celebração, mas também como veículo de poder simbólico e construção de narrativas nacionais. Essa percepção serviu como base para a formulação inicial do meu projeto de pesquisa, que desde o início buscou entender como eventos esportivos globais são capazes de transformar, ou disfarçar, a imagem de um Estado no sistema internacional.

Mais recentemente, durante o intercâmbio em Bilbao, tive a oportunidade de acompanhar de perto a etapa da La Vuelta a España de 2025, onde ocorreram manifestações em apoio à Palestina. Estar presente naquele momento, presenciando o entrelaçamento entre o esporte e a política em um espaço público de tanta visibilidade, reforçou minha vontade de incluir o episódio no trabalho. Como alguém que sempre teve uma forte ligação com o ciclismo, presenciar o protesto dentro de uma competição dessa magnitude tornou evidente como o esporte pode servir tanto como instrumento de poder quanto de resistência.

Ao longo dessa trajetória, também ouvi relatos de profissionais e colegas de diferentes áreas do esporte, que compartilharam comigo experiências e percepções valiosas, muitas delas impossíveis de citar diretamente por motivos de confidencialidade. Essas conversas, no entanto, foram fundamentais para amadurecer o olhar crítico que conduziu esta pesquisa. Elas revelaram as nuances e contradições que permeiam o universo esportivo e me ajudaram a compreender o *sportswashing* não apenas como um conceito acadêmico, mas como uma prática observável e, em certa medida, cotidiana dentro desse campo.

Assim, este trabalho nasce da intersecção entre vivência profissional e reflexão acadêmica. Ele busca traduzir, em forma de pesquisa, o que se revelou empiricamente no contato direto com o esporte: a percepção de que cada evento, cada decisão e cada imagem projetada carregam significados políticos e éticos profundos, capazes de influenciar como Estados e sociedades são vistos, e se veem no cenário internacional.

2. Sportswashing: Origens, definições e debates contemporâneos

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir o conceito de *sportswashing*, a partir da produção acadêmica e da cobertura midiática recente. O termo, cada vez mais presente nas Relações Internacionais, refere-se a práticas em que o esporte é instrumentalizado para melhorar a imagem de Estados, corporações ou instituições em contextos de crise reputacional. Serão discutidos sua origem, usos e disputas conceituais, com base em autores-chave. O capítulo revisa as principais contribuições teóricas, as divergências conceituais, os vínculos com os conceitos de soft power e segurança ontológica e os exemplos mais citados pela literatura, incluindo o caso do Qatar. Por fim, serão analisadas as implicações do sportswashing para os atletas e outros profissionais envolvidos em megaeventos esportivos.

3.1 – A construção do conceito de *sportswashing*

O termo *sportswashing* é um neologismo que surgiu na mídia internacional no começo dos anos 2010. Ele retoma a lógica metafórica de “lavar a imagem” pública, assim como nos termos *whitewashing* e *greenwashing*, como uma forma de distração e de “encobrir” ou mascarar algo. O termo é frequentemente utilizado para descrever comportamentos de Estados que buscam melhorar sua imagem por meio de investimentos em esporte, desviando o foco de críticas internacionais (CHADWICK, 2022).

Os megaeventos esportivos têm uma força tão grande na política e no cenário internacional não apenas pela quantidade de dinheiro que eles movimentam, mas sobretudo pelo enorme alcance midiático no mundo. Como observa Worden (2022), a Copa do Mundo atrai cerca de 3 bilhões de espectadores, o que potencializa seu uso como palanque diplomático e demonstração de poder nacional. Essa atratividade midiática reforça o potencial de sportswashing ao oferecer palco global para reeditar narrativas de imagem estatal.

O autor Michael Ske (2023) discute em seu artigo os momentos em que a diplomacia esportiva transita para o campo do sportswashing. Segundo Ske, o esporte sempre esteve presente nas relações internacionais, como ilustrado pela “Diplomacia do Ping-Pong” nos anos

1970, que foi uma estratégia para promover a reaproximação entre as potências EUA e China por meio de partidas de tênis de mesa entre oficiais de ambas as nações. Esse fenômeno seria classificado como diplomacia do esporte, assim como, por exemplo, o Reino Unido, ao sediar as Olimpíadas de 2012, buscou reafirmar seu poder e cultura para o mundo. No entanto, o termo *sportswashing*, ao contrário da diplomacia do esporte, carrega uma conotação pejorativa e, na maioria das vezes, está associado a Estados fora do eixo ocidental. Dessa forma, potências emergentes (Rússia e China), potências regionais (Brasil e África do Sul), super potências europeias (Inglaterra e França), ou países que buscam se inserir no Sistema Internacional (Qatar, Arábia Saudita) optam por sediar megaeventos com o intuito de criar boas associações à imagem de seus Estados por meio do esporte.

3.2. O esporte como ferramenta política e diplomática

O uso do esporte como instrumento de projeção política e diplomática remonta a diversas experiências históricas ao longo do século XX. As Olimpíadas de Berlim em 1936, organizadas sob o regime nazista de Adolf Hitler, são frequentemente citadas como um marco do uso do esporte como propaganda política. Hitler utilizou os Jogos como vitrine para promover a ideologia nazista e exibir ao mundo a suposta superioridade da Alemanha ariana, numa tentativa de legitimar seu governo autoritário e reforçar sua imagem internacional. O evento foi cuidadosamente coreografado para transmitir uma imagem de ordem, progresso e força nacional, mesmo que, por trás das câmeras, o país já enfrentasse crescentes violações de direitos humanos e perseguições políticas.

Durante a Guerra Fria (1947–1991), o esporte foi elevado a símbolo de rivalidade entre os blocos liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Competições esportivas, especialmente os Jogos Olímpicos, tornaram-se arenas para a demonstração de superioridade ideológica. A performance atlética era vista como reflexo do sucesso do modelo político e econômico de cada país. Nesse contexto, o esporte adquiriu um papel central nas estratégias diplomáticas, sendo mobilizado tanto como mecanismo de influência internacional quanto como ferramenta de afirmação interna.

A chamada "Diplomacia do Ping-Pong" dos anos 1970 é outro exemplo emblemático do potencial do esporte para promover aproximações políticas. Em meio à tensão entre a China e os Estados Unidos, partidas de tênis de mesa entre atletas dos dois países abriram caminho para a reaproximação diplomática, culminando na visita do presidente Richard Nixon a Pequim

em 1972. Esse episódio evidenciou como eventos esportivos, mesmo os mais simples, podem ser catalisadores de mudanças políticas significativas.

Mais recentemente, os Jogos Olímpicos de Londres em 2012 serviram para reforçar a imagem do Reino Unido como um país moderno, multicultural e aberto ao mundo. A cerimônia de abertura foi cuidadosamente planejada para destacar a diversidade cultural britânica e sua relevância histórica e artística, projetando ao público global uma imagem coesa e positiva da nação. Esses exemplos ilustram que o esporte, para além da competição, é uma poderosa ferramenta de comunicação simbólica, empregada para fins diplomáticos e de construção de imagem nacional.

3.3. Quando a diplomacia vira *sportswashing*: debate conceitual

Embora o uso político do esporte seja historicamente aceito e até celebrado em alguns contextos, emergem críticas quando essa prática visa encobrir condutas antidemocráticas ou violações de direitos humanos. É nesse ponto que surge o conceito de *sportswashing*, cuja popularização ocorreu na década de 2010, especialmente na mídia internacional e em organizações de direitos humanos. O termo busca nomear situações em que regimes autoritários ou contestados utilizam o esporte como vitrine para reabilitar sua imagem perante a comunidade internacional, desviando a atenção de suas falhas internas.

Michael Ske (2023), em seu artigo "*Sportswashing: Media Headline or Analytic Concept?*", propõe uma diferenciação entre diplomacia esportiva legítima e *sportswashing*. Para o autor, enquanto a diplomacia esportiva promove intercâmbio, diálogo e aproximação entre povos, o *sportswashing* serve a propósitos mais instrumentais e encobridores. A fronteira entre os dois conceitos, no entanto, é tênue e frequentemente marcada por julgamentos políticos e geopolíticos, o que contribui para a dificuldade de sua consolidação acadêmica.

Uma das críticas recorrentes na literatura é o uso seletivo do termo *sportswashing*, aplicado majoritariamente a países fora do eixo Ocidental, como Rússia, China, Arábia Saudita e Qatar. Práticas semelhantes adotadas por países ocidentais, como os Estados Unidos, o Reino Unido ou a Austrália, são comumente enquadradas sob a lógica da diplomacia esportiva ou do marketing nacional, revelando um viés estrutural na forma como o fenômeno é nomeado e percebido. Esse padrão evidencia que, para além de uma ferramenta de política externa, o esporte é também um campo de disputa simbólica e narrativa, onde a legitimidade de determinadas ações é constantemente tensionada.

A literatura crítica aponta, ainda, que o *sportswashing* se apoia na força emocional e simbólica do esporte para criar uma cortina de fumaça sobre problemas estruturais. Segundo Fruh, Archer e Wojtowicz (2022), essa prática engaja atletas, espectadores, patrocinadores e jornalistas em uma cadeia de cumplicidade involuntária, na qual todos contribuem para legitimar o regime promotor do evento, mesmo que não intencionalmente. A eficácia do *sportswashing* reside justamente em sua capacidade de disfarçar, por meio do espetáculo esportivo, realidades políticas frequentemente marcadas pela repressão e pelo autoritarismo.

3.4. O caso do Qatar como exemplo paradigmático

Entre os casos contemporâneos mais citados no debate sobre *sportswashing*, o Qatar se destaca como um exemplo paradigmático. Pequeno Estado do Golfo Pérsico, com cerca de três milhões de habitantes, o país possui uma economia altamente dependente da exportação de gás natural e petróleo. A partir dos anos 2000, o governo catari passou a investir fortemente em esporte como parte de sua estratégia de projeção internacional. A criação da Qatar Sports Investments (QSI), a compra do clube francês Paris Saint-Germain e a vitória na candidatura para sediar a Copa do Mundo da FIFA em 2022 marcam os principais marcos dessa política.

A escolha do Qatar como sede do Mundial gerou debates intensos na comunidade internacional. Segundo a Amnistia Internacional em *Reality Check 2021: A Year to the 2022 World Cup in Qatar*, 2021, e Human Rights Watch em *Qatar: End All Migrant Worker Exit Visas – New Law Falls Short of Labor Reform Pledges*, 2018, diversas organizações de direitos humanos denunciaram as condições degradantes enfrentadas por trabalhadores migrantes nas obras dos estádios e outras infraestruturas. Ao mesmo tempo, a falta de liberdade de imprensa, a repressão à comunidade LGBTQ+ e a concentração de poder político no regime monárquico absolutista do país reforçaram as críticas à legitimidade do evento. Ainda assim, a realização da Copa foi amplamente considerada um sucesso do ponto de vista organizacional e midiático, com recordes de audiência e elogios à infraestrutura.

Esse contraste entre o sucesso técnico do evento e as críticas ao contexto político do país reforçou a percepção de que o Qatar estaria utilizando o esporte como mecanismo de *sportswashing*. Para muitos analistas, o país buscou associar sua imagem a valores de inovação, hospitalidade e competência internacional, enquanto abafava denúncias e resistências (CHADWICK, 2022; WORDEN, 2022). O uso intensivo de campanhas publicitárias, o apoio

de celebridades e a retórica de modernização cultural serviram para compor essa imagem positiva, muitas vezes dissociada da realidade local.

Embora não seja o único exemplo de *sportswashing*, o caso do Qatar sintetiza os principais elementos do conceito: forte investimento financeiro em megaeventos, contexto político autoritário, busca por projeção internacional e tentativa de controle da narrativa global. Como será discutido no próximo capítulo, esse movimento não passou despercebido por atores da sociedade civil e por setores do próprio universo esportivo, que vêm articulando respostas críticas e estratégias de resistência à instrumentalização do esporte para fins políticos autoritários.

3. Reações e Resistências ao *Sportswashing*: Sociedade Civil, Entidades Esportivas e a Complexidade da Cumplicidade

O *sportswashing*, embora concebido como estratégia de construção de imagem internacional, não ocorre sem contestação. Sua eficácia depende não apenas da iniciativa dos Estados anfitriões, mas também da adesão, tácita ou explícita, de uma rede de atores que inclui federações esportivas, atletas, patrocinadores, jornalistas e torcedores. É nesse ponto que surge a noção de cumplicidade, central no argumento de Fruh, Archer e Wojtowicz (2022). Para os autores, o megaevento cria uma cadeia de responsabilidades difusas, em que cada agente desempenha um papel na sustentação de regimes ou narrativas oficiais, mesmo sem intenção consciente. Este capítulo, portanto, analisa como diferentes respostas, desde o silêncio e a conivência até os protestos e campanhas públicas, configuram o espaço de resistência e contestação ao *sportswashing*, destacando seus alcances e limites.

4.1 – Cumplicidade e silenciamento: a crítica ética ao *sportswashing*

A crítica ética ao *sportswashing* não se dirige apenas aos Estados promotores dos eventos, mas também a todos os envolvidos na engrenagem simbólica que lhes dá sustentação. Fruh, Archer e Wojtowicz (2022) destacam que a própria estrutura do megaevento facilita a diluição de responsabilidades: patrocinadores financiam, federações validam, jornalistas reproduzem narrativas oficiais e torcedores legitimam com sua audiência. Nessa lógica, o silêncio torna-se um ato político, ainda que mascarado pela normalidade do espetáculo.

Outros autores têm ampliado esse debate com perspectivas críticas que tensionam ainda mais a compreensão do *sportswashing*. Black, Sinclair e Kearns (2024), ao discutirem o

conceito de *fetishistic disavowal*, destacam que os fãs de esportes muitas vezes têm consciência das violações de direitos humanos e das práticas controversas associadas a determinados eventos, mas optam por um mecanismo de “não saber” na prática, continuando a consumir o espetáculo sem questionamento. Essa dissociação cognitiva revela a força simbólica do esporte, que consegue se manter atrativo mesmo quando envolto em controvérsias éticas. Wojtowicz, Archer e Fruh, no artigo *Fans and Fanaticism*, reforçam essa linha ao apontar a vulnerabilidade da devoção esportiva: regimes e entidades podem instrumentalizar o amor ao esporte justamente para neutralizar críticas e enfraquecer mobilizações contrárias. Nesse sentido, a paixão dos torcedores deixa de ser apenas uma característica cultural e passa a ser um recurso político explorado ativamente. Já Moriconi (2025), em *Del deporte a la ceguera ideológica*, acrescenta uma advertência metodológica relevante ao campo, alertando para o risco de banalização do termo *sportswashing*. Para o autor, usá-lo de forma indiscriminada pode transformá-lo em uma categoria excessivamente ampla, reduzindo sua precisão analítica e enfraquecendo seu poder crítico diante dos casos em que sua aplicação se mostra mais pertinente.

Esse processo de cumplicidade aparece de forma nítida nas entrevistas realizadas pela autora. Olivia Diaz, argentina que atuou na operação de mídia e *broadcasting* durante o Mundial do Qatar, relatou a existência de uma pressão implícita para a autocensura: “*La recomendación era siempre no meterse en ciertos temas, principalmente derechos humanos y política; teníamos que enfocarnos solo en el fútbol*”. Essa fala evidencia como o silenciamento individual, ainda que não imposto formalmente, tornou-se parte da engrenagem que viabilizou o evento, delimitando o que podia ou não ser dito dentro dos espaços de trabalho. O testemunho de Olivia aproxima-se da lógica descrita por Fruh, Archer e Wojtowicz (2022): a cumplicidade não exige colaboração ativa, mas apenas a aceitação tácita das regras do espetáculo. Nesse sentido, a experiência da entrevistada mostra que, além das estruturas institucionais, existe também um mecanismo subjetivo de adaptação, no qual trabalhadores e profissionais do esporte acabam interiorizando a expectativa de “neutralidade” e, com isso, contribuem involuntariamente para o esvaziamento de debates críticos em torno dos megaeventos.

4.2 – Ações da sociedade civil e denúncias de organizações internacionais

Em contraste com o silêncio institucional, organizações da sociedade civil desempenharam papel fundamental ao denunciar as contradições do Qatar 2022. A Human Rights Watch, em relatórios como “*For a Better Life*” (2020) e “*Qatar: Reforms Fall Short as World Cup Nears*” (2022), documentou abusos sistemáticos contra trabalhadores migrantes,

incluindo jornadas exaustivas, atrasos salariais e restrições à liberdade de movimento, ressaltando que as reformas implementadas pelo governo foram insuficientes para garantir mudanças estruturais. A Anistia Internacional, por sua vez, em *Qatar: Reality Check* (2021), reforçou que a ausência de mecanismos eficazes de fiscalização e de compensação mantinha os trabalhadores em situação de vulnerabilidade extrema, mesmo após a adoção de novas legislações. Essas denúncias convergiram para a campanha #PayUpFIFA, liderada por uma coalizão de ONGs internacionais, que exigiu da federação a criação de um fundo indenizatório para reparar os danos sofridos por milhares de trabalhadores envolvidos na preparação do torneio. Embora a FIFA tenha reconhecido parcialmente o problema, a resistência em assumir responsabilidade financeira demonstrou os limites da pressão da sociedade civil diante do peso político e econômico da instituição, mas ao mesmo tempo evidenciou o poder de mobilização global dessas organizações ao manter o tema na agenda midiática e política internacional.

Campanhas públicas também buscaram mobilizar torcedores. O movimento *Boycott Qatar 2022* teve impacto limitado em termos de adesão massiva, mas foi relevante ao introduzir um custo moral ao consumo do evento. Essas iniciativas expuseram a distância entre o discurso oficial, centrado em legado e modernização, e a realidade cotidiana de violações de direitos humanos. Em novembro de 2022, o Parlamento Europeu chegou a aprovar uma resolução pedindo que a FIFA fosse responsabilizada, evidenciando como o tema ultrapassou a esfera do ativismo e entrou no debate diplomático.

As manifestações que marcaram a La Vuelta a España 2025 também ilustram o potencial de mobilização popular como forma de resistência ao *sportswashing*. Durante a última etapa, em Madrid, o Governo local cifrou em 100 mil o número de pessoas que se reuniram em protesto pró-Palestina (EL PAÍS, 2025), bloqueando parte do percurso e forçando o cancelamento da chegada oficial. O movimento não surgiu isolado: ao longo da competição já haviam ocorrido interrupções, como na etapa 11 em Bilbao e na etapa 16 na Galícia, demonstrando uma capacidade de articulação descentralizada e persistente. Diferentemente de campanhas institucionais conduzidas por ONGs internacionais, como a #PayUpFIFA ou os relatórios da Human Rights Watch (*Qatar: Migrant Workers and the FIFA World Cup 2022*, 2021) e da Anistia Internacional (*Reality Check 2021: A Year to the 2022 World Cup in Qatar 2021*), os protestos na Espanha tiveram caráter popular e espontâneo, aproveitando a visibilidade midiática de uma das maiores provas do ciclismo mundial. Essa mobilização buscava evidenciar a contradição entre o discurso de neutralidade esportiva e o apoio simbólico

concedido a uma equipe nacional diretamente associada ao Estado de Israel, acusado de violações de direitos humanos. A lógica da contestação foi clara: se o esporte se apresenta como espaço global de valores universais, não pode ser indiferente a conflitos políticos que envolvem desigualdade, violência e ocupação territorial. Ao contrário das mobilizações digitais ou de campanhas institucionais que tensionam o debate no plano discursivo, a *La Vuelta 2025* mostra que a pressão direta de torcedores e cidadãos pode interromper o próprio funcionamento do espetáculo, gerando consequências concretas e escancarando as fragilidades da engrenagem do *sportswashing*. Esse episódio sugere que, em contextos de intensa mobilização popular, o esporte não é apenas uma vitrine de regimes, mas também um espaço de disputa simbólica no qual a resistência consegue penetrar na cena global. (BLACK; SINCLAIR; KEARNS, 2024).

4.3 – As entidades esportivas e seus limites de atuação

Em contraste com as reações predominantemente simbólicas, entidades como a FIFA e o COI têm sido alvo de críticas recorrentes por sua postura diante das denúncias de violações de direitos humanos associadas à realização de megaeventos esportivos. Nos últimos anos, ambas buscaram responder a essas pressões anunciando políticas formais de responsabilidade social: a FIFA lançou em 2017 sua *Human Rights Policy*, em que reconhece explicitamente a responsabilidade de respeitar os direitos humanos “em todas as suas atividades e relações comerciais” e de prevenir impactos negativos ligados às suas operações (FIFA, 2017), e o Comitê Olímpico Internacional aprovou em 2022 o *Strategic Framework on Human Rights*, comprometendo-se a integrar padrões internacionais em sua governança. Apesar da retórica, tais iniciativas têm sido frequentemente interpretadas mais como respostas reputacionais do que como compromissos efetivos de transformação estrutural. A ausência de critérios transparentes e vinculantes na escolha das sedes, somada à falta de mecanismos claros de responsabilização, limita o alcance prático dessas políticas e reforça a percepção de que elas funcionam como instrumentos de gestão de imagem. O contraste entre a formalidade dos documentos e a persistência de escândalos envolvendo exploração trabalhista, deslocamento forçado de comunidades e silenciamento de protestos sugere que a neutralidade proclamada por essas entidades mascara uma cumplicidade estrutural com as dinâmicas de *sportswashing*. Nesse sentido, longe de representar uma ruptura, tais políticas podem ser entendidas como parte da estratégia institucional de manter o espetáculo esportivo intacto diante de críticas cada vez mais intensas.

Em primeiro lugar, o episódio da braçadeira OneLove durante a Copa do Mundo de 2022 ilustra de forma clara os limites da atuação das entidades esportivas frente a manifestações simbólicas. O gesto, inicialmente planejado por diversas seleções europeias, entre elas Alemanha, Inglaterra, Holanda, País de Gales e Dinamarca, buscava expressar apoio à diversidade e aos direitos LGBTQIA+ em um contexto de fortes restrições civis no Qatar. No entanto, a FIFA ameaçou aplicar punições esportivas imediatas, como a atribuição de cartões amarelos automáticos aos capitães que utilizassem o símbolo em campo (BBC SPORT, 2022; THE GUARDIAN, 2022). Diante dessa coerção, as federações recuaram, optando por retirar a braçadeira às vésperas do início dos jogos. A decisão expôs de forma evidente como a federação internacional, em vez de proteger a liberdade de expressão de atletas e delegações, atuou em alinhamento tácito com o país anfitrião, reforçando o silenciamento de pautas consideradas sensíveis (WORDEN, 2022). Ao priorizar a manutenção da “ordem do espetáculo”, a FIFA reafirmou sua retórica de neutralidade política, frequentemente utilizada para justificar omissões éticas. O episódio tornou-se, assim, um marco do tensionamento entre discurso e prática, revelando que o ideal de neutralidade esportiva muitas vezes serve à preservação de interesses econômicos e geopolíticos, em detrimento de valores universais que a própria instituição afirma defender (FIFA, 2017).

Além disso, a ausência de boicotes significativos ao Mundial reforça essa lógica de convivência. Apesar das denúncias sobre exploração de trabalhadores migrantes e violações de direitos humanos no Qatar, todas as seleções classificadas participaram do torneio, confirmando a dificuldade de romper com os interesses econômicos, diplomáticos e esportivos que cercam uma Copa do Mundo. A única exceção simbólica foi a Dinamarca, que optou por lançar uniformes “protesto”, com design sóbrio, sem patrocínio visível e com a intenção declarada de não celebrar um evento realizado sob condições tão controversas. Ainda assim, a seleção dinamarquesa não deixou de competir, o que evidencia os limites dessa contestação: trata-se de uma crítica simbólica que não chega a desafiar a estrutura do espetáculo, funcionando mais como uma marca de dissenso do que como um boicote efetivo. Esse contraste mostra que, mesmo quando há disposição de sinalizar resistência, a lógica institucional dos megaeventos tende a neutralizar gestos de oposição, absorvendo-os como parte da narrativa da diversidade do esporte sem que isso altere as dinâmicas centrais do *sportswashing*.

Nesse sentido, a reação da União Ciclista Internacional (UCI) diante da crise na *Vuelta a España 2025* reforçou os limites da atuação institucional frente a pressões políticas (EL PAÍS,

2025). Embora tenha condenado os protestos e reiterado a “neutralidade política” do esporte, a entidade foi obrigada a intervir de forma prática, encurtando percursos, neutralizando chegadas e, por fim, cancelando a etapa final em Madrid. Esse contraste entre discurso e prática evidencia a vulnerabilidade da retórica de neutralidade quando confrontada por mobilizações de massa. Ao manter a equipe Israel-Premier Tech na competição, ainda que com adaptações simbólicas, como a retirada temporária do nome dos uniformes, a UCI privilegiou a preservação da continuidade da prova em detrimento de um debate mais profundo sobre a legitimidade da participação da equipe. O episódio conecta-se a críticas já consolidadas na literatura sobre *sportswashing*: assim como no caso da FIFA diante da Copa do Qatar, entidades esportivas tendem a adotar políticas formais de responsabilidade social que se esvaziam diante de pressões econômicas ou geopolíticas. A dependência de patrocinadores, o compromisso com a transmissão midiática global e o risco de perda de credibilidade financeira funcionam como barreiras para uma postura mais crítica. A *La Vuelta 2025*, portanto, torna-se um caso paradigmático para discutir como a lógica institucional do esporte global não é capaz de sustentar princípios éticos quando estes colidem com interesses materiais mais amplos. Longe de demonstrar imparcialidade, a atuação da UCI revela uma cumplicidade estrutural: ao garantir a continuidade do espetáculo, mesmo diante de protestos de grande escala, reforça-se a centralidade do esporte como instrumento de legitimação simbólica, ainda que sob o custo de crescentes tensões políticas e sociais

4.4 – Vozes internas e contradições no legado dos megaeventos

Se, por um lado, o Qatar investiu pesadamente em uma operação de *sportswashing* para projetar uma imagem de modernidade e abertura, por outro, as percepções de profissionais envolvidos diretamente na cobertura e organização dos eventos questionam o real alcance desse legado. A experiência de Giovana Pinheiro, jornalista do Globo Esporte que cobriu o Mundial de Esportes Aquáticos em Doha em 2024, ilustra essa contradição. Em seu depoimento, Pinheiro descreveu a experiência como marcada por um “esvaziamento cultural”: “A Copa parecia muito organizada, mas também muito fria, sem a energia espontânea que a gente costuma ver em outros eventos. Mesmo o Mundial de Esportes Aquáticos, menor, tinha a mesma sensação: tudo estava impecável, mas excessivamente controlado.”Essa fala evidencia como o controle excessivo do Estado sobre o espetáculo, uma tática central do *sportswashing*, pode sufocar a autenticidade cultural e a efervescência social do evento, transformando-o em uma performance cuidadosamente roteirizada.

A fragilidade da narrativa de legado positivo também foi confrontada pelas resistências simbólicas de atletas e federações. A seleção alemã, ao cobrir a boca durante a foto oficial, e as manifestações dinamarquesas com uniformes neutros durante a Copa de 2022 são exemplos notórios de tentativas de contestação. Ainda que tenham gerado repercussão midiática, tais gestos foram rapidamente neutralizados pelas entidades organizadoras e não resultaram em transformações estruturais de curto prazo, reforçando a assimetria de poder entre atletas e as megacorporações esportivas.

Após o término dos eventos, ONGs voltaram a pressionar pela criação de mecanismos de compensação para trabalhadores, revelando a fragilidade das conquistas obtidas apenas durante o período de visibilidade. Nas entrevistas, alguns profissionais relataram que contratos foram encerrados abruptamente e que pouco restou em termos de legado social ou cultural para a população local. Essa percepção conecta-se diretamente à crítica acadêmica de que o *sportswashing* produz ganhos simbólicos de curto prazo, mas dificilmente gera transformações democráticas ou duradouras.

As respostas ao *sportswashing* revelam-se múltiplas, fragmentadas e, muitas vezes, limitadas por interesses econômicos, políticos e institucionais que sustentam o espetáculo esportivo. Como discutido ao longo deste capítulo, a lógica da cumplicidade, abordada por Fruh, Archer e Wojtowicz (2022), demonstra que megaeventos envolvem uma rede de atores cuja participação, ainda que indireta, contribui para silenciar críticas e legitimar práticas questionáveis. Jornalistas, atletas, patrocinadores e espectadores tornam-se peças de uma engrenagem que, sob o pretexto da neutralidade esportiva, acaba reforçando a opacidade ética dos eventos.

Ainda assim, a sociedade civil e organizações internacionais têm buscado romper essa lógica por meio de campanhas como a #PayUpFIFA. O relatório da HRW, *Migrant Workers Who Delivered FIFA World Cup in Qatar Suffered Harm. Tell FIFA to Pay Up Now* (2022), e o *Predictable and Preventable* da Anistia (2022), detalharam como tais violações eram previsíveis e poderiam ter sido evitadas, reforçando o apelo por remediação. Esses movimentos evidenciam a tentativa de responsabilizar atores poderosos, mesmo diante da assimetria de forças que caracteriza o sistema esportivo global. Tais iniciativas, embora parciais, desempenham papel central na construção de uma narrativa alternativa que questiona a legitimidade dos regimes e entidades esportivas que recorrem ao *sportswashing*.

No âmbito institucional, observa-se que a FIFA, o COI e a UCI tendem a reafirmar a neutralidade do esporte como justificativa para evitar embates políticos mais diretos (FIFA, 2017; INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2022; UNION CYCLISTE INTERNATIONALE, 2023). Entretanto, casos de mobilização popular, como o da *La Vuelta a España 2025*, desafiam esse posicionamento. A mobilização popular pró-Palestina, que forçou o cancelamento da etapa final em Madrid, expôs as fragilidades da retórica da neutralidade e obrigou a União Ciclística Internacional a adaptar o evento (EL PAÍS, 2025). Esse episódio demonstrou que a pressão social pode desestabilizar até mesmo competições altamente estruturadas, indicando que resistências locais têm potencial de reverberar globalmente (BLACK; SINCLAIR; KEARNS, 2024).

Por fim, as vozes internas, incluindo atletas, jornalistas e trabalhadores envolvidos nos megaeventos, revelam contradições no legado desses projetos. Depoimentos coletados em entrevistas, assim como críticas públicas de atletas e protestos simbólicos em campo, apontam para um esvaziamento cultural e simbólico que desafia a narrativa de legado positivo promovida por governos e entidades esportivas. O silêncio forçado ou a autocensura também se apresenta como forma de resistência passiva, que, mesmo invisibilizada, enfraquece a tentativa de criar consensos em torno da imagem projetada.

Assim, este capítulo demonstra que o *sportswashing* não é um processo unidirecional, mas um campo de disputa constante entre estratégias de autopromoção estatal e esforços de contestação social e institucional. A resiliência do fenômeno se explica pela força dos interesses econômicos e geopolíticos que o sustentam, mas sua contestação crescente revela fissuras importantes. A análise sugere que compreender o *sportswashing* exige olhar não apenas para os Estados que o praticam, mas também para as múltiplas formas de resistência que, mesmo incompletas, questionam sua legitimidade e mantêm aberto o debate sobre ética, poder e esporte no sistema internacional.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo analisar o fenômeno do *sportswashing* como uma prática contemporânea de construção de imagem internacional, buscando compreender suas dimensões simbólicas, políticas e éticas, bem como as reações que ele desperta na sociedade civil, na mídia e nas entidades esportivas. Partiu-se da hipótese de que, embora o *sportswashing* se mostre uma estratégia eficaz de visibilidade e projeção, ele carrega

contradições estruturais que o tornam vulnerável à contestação ética e política, especialmente quando há um descompasso evidente entre a imagem projetada e a realidade interna dos Estados envolvidos.

O primeiro capítulo procurou mapear a literatura sobre o tema, destacando que o *sportswashing* se consolida como um conceito ainda em disputa. A análise mostrou que o termo transcende a simples ideia de propaganda política, integrando-se a debates mais amplos sobre *soft power* (NYE, 2004), diplomacia pública e segurança ontológica (MITZEN, 2006; ROSLER; PRESS-BARNATHAN, 2023). Ao revisitar o papel do esporte como instrumento político e diplomático, desde as Olimpíadas de Berlim em 1936 até a Copa do Mundo do Qatar em 2022, foi possível compreender como megaeventos se tornaram plataformas centrais para a promoção de narrativas nacionais e a busca de legitimidade internacional. No entanto, a literatura também revela que essa estratégia depende de uma economia simbólica sustentada por redes de comunicação, consumo e emoção coletiva (CHADWICK, 2022; SKE, 2023), que transformam o esporte em um espaço de disputa por significado e prestígio.

Além disso, a revisão evidenciou um deslocamento teórico importante: o *sportswashing* não deve ser entendido apenas como uma ferramenta de política externa, mas como um processo relacional que envolve a cumplicidade de diversos atores, governos, empresas, federações, mídia e público. Autores como Fruh, Archer e Wojtowicz (2022) e Cashmore e Cleland (2023) destacam que a eficácia dessa prática depende justamente da adesão tácita de quem consome o espetáculo, mesmo sabendo de suas contradições. Essa dimensão da cumplicidade é fundamental para entender por que o *sportswashing* resiste às críticas: ele opera mais como um mecanismo de normalização do que de ocultamento. O caso do Qatar ilustra esse paradoxo, um Estado que, ao mesmo tempo em que investe bilhões em imagem e infraestrutura, enfrenta denúncias sistemáticas de violações trabalhistas e repressão a liberdades civis (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020; AMNESTY INTERNATIONAL, 2021).

O segundo capítulo buscou deslocar o olhar para o outro lado do fenômeno: as reações e resistências. A partir das contribuições de *Complicity and Corruption* (FRUH; ARCHER; WOJTOWICZ, 2022), o texto mostrou que, diante do poder simbólico e econômico dos megaeventos, a resistência raramente se manifesta de forma centralizada ou homogênea. Em vez disso, ela surge em múltiplas escalas, nos protestos, nas campanhas digitais, nas denúncias jornalísticas e até nos gestos simbólicos de atletas. Organizações como a Human Rights Watch e a Anistia Internacional desempenharam papel essencial ao denunciar a exploração de

trabalhadores migrantes e a ineficácia das reformas prometidas pelo governo do Qatar (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022; AMNESTY INTERNATIONAL, 2021). Campanhas como #PayUpFIFA ampliaram o debate público e mostraram que, embora as estruturas institucionais se mantenham resistentes à mudança, a pressão social é capaz de produzir fissuras no discurso da neutralidade esportiva.

Nesse sentido, os episódios recentes da *La Vuelta a España 2025* representam uma nova etapa dessa contestação. Os protestos pró-Palestina, que culminaram no cancelamento da etapa final em Madrid, mostraram que o esporte global continua sendo um espaço de disputa política e que a resistência pode emergir de forma espontânea e popular. A mobilização dos torcedores rompeu com a ilusão de que o esporte pode ser “apolítico”, revelando que, quando a arena simbólica se torna palco de contestação, o espetáculo é inevitavelmente afetado. Esse episódio, assim como as reações ao Qatar 2022, reforça que o *sportswashing* é um processo vulnerável: sua força depende da manutenção da aparência de consenso, e é justamente essa aparência que as manifestações de resistência colocam em xeque.

Ao analisar também a atuação das entidades esportivas, observou-se que, embora FIFA e COI tenham adotado políticas formais de responsabilidade social, como a *Human Rights Policy* (FIFA, 2017) e o *Strategic Framework on Human Rights* (IOC, 2022), essas iniciativas permanecem limitadas por sua natureza essencialmente reputacional. A lógica de preservação da imagem e do capital político prevalece sobre a de transformação estrutural. Casos como a proibição da braçadeira *OneLove* e a ausência de boicotes significativos à Copa de 2022 evidenciam que, diante de pressões econômicas e geopolíticas, as entidades priorizam a continuidade do espetáculo em detrimento da liberdade de expressão e da coerência ética. Mesmo gestos simbólicos, como o protesto silencioso da Dinamarca por meio de uniformes sem patrocínio, acabam absorvidos pela narrativa de diversidade controlada que caracteriza os megaeventos contemporâneos.

O cruzamento entre a teoria e as entrevistas realizadas pela autora reforça a ideia de que o *sportswashing* opera também no plano subjetivo. Depoimentos como o de Olivia Diaz, profissional argentina que trabalhou na operação de mídia da Copa do Mundo, revelam a existência de mecanismos sutis de autocensura e normalização do silêncio. A recomendação para “não se meter em certos temas” mostra que o controle não é apenas institucional, mas internalizado, transformando o ambiente esportivo em um espaço de conformismo político. Essas experiências, somadas aos relatos de Giovana Pinheiro e Alberto Bellido, indicam que a

cumplicidade é sustentada por uma combinação de incentivos econômicos, dependência profissional e lealdade simbólica ao ideal do esporte como território neutro.

De modo geral, os resultados da pesquisa indicam que o *sportswashing* deve ser compreendido como um fenômeno relacional e dinâmico, sustentado por redes de poder, emoção e consumo. Sua eficácia não reside apenas na capacidade de um Estado manipular a narrativa internacional, mas na forma como diferentes atores, inclusive aqueles que se percebem como neutros, reproduzem e legitimam essas narrativas. Ao mesmo tempo, o crescimento das resistências, sejam elas institucionais ou populares, demonstra que o campo esportivo é também um espaço de disputa e potencial de transformação. Os protestos, as campanhas e as denúncias, ainda que fragmentadas, têm contribuído para deslocar o debate sobre responsabilidade e ética no esporte para o centro da agenda pública internacional.

Por fim, o estudo reforça a relevância de compreender o *sportswashing* a partir das lentes das Relações Internacionais, conectando-o a discussões sobre legitimidade, poder simbólico e segurança ontológica. A análise mostra que a diplomacia esportiva contemporânea se tornou um terreno onde Estados buscam não apenas prestígio, mas estabilidade identitária diante de um sistema global cada vez mais contestatório. No entanto, ao tentar controlar o significado político do esporte, esses mesmos Estados abrem espaço para novas formas de resistência e denúncia. O *sportswashing*, portanto, é ao mesmo tempo uma estratégia e um sintoma: revela a centralidade do esporte como instrumento de poder, mas também a fragilidade das narrativas quando confrontadas por uma sociedade civil mais consciente e conectada.

Em síntese, este trabalho contribui para o debate ao propor uma leitura crítica do *sportswashing* como fenômeno complexo, que ultrapassa a dimensão da imagem e penetra nas estruturas políticas, econômicas e culturais do sistema esportivo global. Seus resultados sugerem que futuras pesquisas podem aprofundar a análise das resistências locais e explorar comparativamente outros contextos, ampliando o entendimento sobre como o esporte, enquanto linguagem universal, continua a refletir, e a desafiar as contradições do mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

ACCIOLI, R.; SANTOS, A. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista de Direito Internacional e Globalização**, Portal de Revistas da USP, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203554>. Acesso em: 24 abr. 2024.

AL JAZEERA. Pro-Palestine protests bring extraordinary security for Spain's Vuelta. **Al Jazeera**, Doha, 10 set. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/sports/2025/9/10/pro-palestine-protests-bring-extraordinary-security-for-spains-vuelta>. Acesso em: 15 set. 2025.

AL JAZEERA. Spain's Vuelta cycling finale abandoned after pro-Palestine protests. **Al Jazeera**, Doha, 14 set. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/9/14/spains-vuelta-cycling-finale-abandoned-after-pro-palestine-protests>. Acesso em: 15 set. 2025.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Qatar: Reality Check 2021 – Migrant Workers' Rights Before the World Cup**. Londres: Amnesty International, 2021.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Predictable and Preventable: Why FIFA and Qatar Should Remedy Abuses Behind the 2022 World Cup**. Londres: Amnesty International, 2022.

ARCHER, A.; FRUH, K.; WOJTOWICZ, J. Sportswashing: Complicity and Corruption. **Journal of Applied Philosophy**, v. 39, n. 4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17511321>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BBC SPORT. **OneLove armband: Fifa threatens players with bookings if worn at World Cup in Qatar**. **BBC News**, Londres, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/63703555>. Acesso em: 10 out. 2025.

BELLIDO, A. Depoimento concedido a Beatriz Pessoa e Tainá Telles. São Paulo, 2024. **Entrevista**.

BIBOLOV, A. et al. 2022 FIFA World Cup: Economic Impact on Qatar and Regional Spillovers. **Selected Issues Paper No. 2024/011**. Washington, D.C.: Fundo Monetário Internacional (FMI), 2024. Disponível em: [Incluir link, se houver]. Acesso em: 24 abr. 2024.

BLACK, J. et al. The Fetishization of Sport: Exploring the Effects of Fetishistic Disavowal in Sportswashing. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 48, n. 3-4, p. 145-164, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01937235241269906>. Acesso em: 5 out. 2025.

CHADWICK, S. From utilitarianism and neoclassical sport management to a new geopolitical economy of sport. **European Sport Management Quarterly**, v. 22, n. 5, p. 1–20, 2022.

DIAZ, O. Depoimento concedido a Beatriz Pessoa e Tainá Telles. São Paulo, 2024. **Entrevista**.

EL PAÍS. **Última etapa de la Vuelta a España: El Gobierno cifra en 100.000 los manifestantes en las protestas propalestinas**. **El País**, Madri, 14 set. 2025. Disponível em: [<https://elpais.com/deportes/ciclismo/2025-09-14/ultima-etapa-de-la-vuelta-a-espana-en-directo-la-llegada-a-madrid-en-vivo.html>]. Acesso em: 29 out. 2025.

EL PAÍS. **Protestas propalestinas obligan a cancelar la última etapa de la Vuelta a España**. **El País**, Madrid, 15 set. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/deportes/2024-09-15/protestas-propalestinas-obligan-a-cancelar-la-ultima-etapa-de-la-vuelta.html>. Acesso em: 5 out. 2025.

FIFA. *FIFA's Human Rights Policy*. Zurique: Fédération Internationale de Football Association, 2017. Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/organisation/news/fifa-publishes-human-rights-policy>. Acesso em: 5 out. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. “**For a Better Life**”: Migrant Worker Abuse in Qatar. Nova York: Human Rights Watch, 2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Qatar**: Reforms Fall Short as World Cup Nears. Nova York: Human Rights Watch, 2022.

HUMAN RIGHTS WATCH. Qatar: End All Migrant Worker Exit Visas: New Law Falls Short of Labor Reform Pledges. **Human Rights Watch**, Nova York, 2018. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2018/09/06/qatar-end-all-migrant-workerYuan-exit-visas>. Acesso em: 24 abr. 2024.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Strategic Framework on Human Rights**. Lausanne: IOC, 2022.

MITZEN, J. Ontological Security in World Politics: State Identity and the Security Dilemma. **European Journal of International Relations**, v. 12, n. 3, p. 341–370, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354066106067346>. Acesso em: 5 out. 2025.

MORICONI, M. Del deporte a la ceguera ideológica: las trampas comunicativas y conceptuales del concepto de sportswashing. **Observatorio (OBS*)**, v. 19, n. 1, 2025. DOI: 10.15847/obsOBS19120252500. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2500>. Acesso em: 29 set. 2025.

NYE, J. S. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. New York: PublicAffairs, 2004.

PARLAMENTO EUROPEU. Resolution of 24 November 2022 on the human rights situation in Qatar, in particular the situation of migrant workers. **Jornal Oficial da União Europeia**, Estrasburgo, 2022.

PINHEIRO, G. Depoimento concedido a Beatriz Pessoa e Tainá Telles. São Paulo, 2024. **Entrevista**.

REICHE, D. Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 7, n. 4, p. 1–16, abr. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19406940.2014.966135>. Acesso em: 5 out. 2025.

ROSLER, N.; PRESS-BARNATHAN, G. Cultural sanctions and ontological (in)security: operationalisation in the context of mega-events. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 36, n. 5, p. 720–744, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09557571.2021.2018570>. Acesso em: 5 out. 2025.

REUTERS. *Pro-Palestinian protesters disrupt Vuelta a España finale in Madrid*. **Reuters**, 15 set. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/sports/cycling/pro-palestinian-protesters-disrupt-vuelta-espana-finale-2024-09-15/>. Acesso em: 5 out. 2025.

SKE, M. Sportswashing: Media headline or analytic concept? **International Review for the Sociology of Sport**, Sage Journals, 4 nov. 2024.

THE GUARDIAN. Spain's PM criticised after Vuelta a España race abandoned over pro-Palestinian protests. **The Guardian**, Londres, 15 set. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/sep/15/spains-pm-criticised-after-vuelta-a-espana-race-abandoned-over-pro-palestinian-protests>. Acesso em: 15 set. 2025.

THE GUARDIAN. **World Cup: Fifa threatens 'sporting sanctions' if captains wear OneLove armband.** **The Guardian**, Londres, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/nov/21/world-cup-fifa-threatens-sporting-sanctions-if-captains-wear-onelove-armband>. Acesso em: 10 out. 2025.

THE NATIONAL NEWS. Vuelta a España neutralised after pro-Palestine protests in Bilbao. **The National News**, Abu Dhabi, 4 set. 2025. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/sport/2025/09/04/vuelta-a-espana-cycling-palestine-protest/>. Acesso em: 15 set. 2025.

TIMES OF ISRAEL. Israeli cycling team vows to race on at Vuelta a España despite disruptive protests. **Times of Israel**, Jerusalém, 4 set. 2025. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/israeli-cycling-team-vows-to-race-on-at-vuelta-a-espana-despite-disruptive-protests/>. Acesso em: 15 set. 2025.

UNION CYCLISTE INTERNATIONALE (UCI). **UCI Constitution and Ethics Code.** Aigle: UCI, 2023. Disponível em: <https://www.uci.org/inside-uci/governance>. Acesso em: 5 out. 2024.

WASHINGTON POST. Vuelta a España finale cancelled amid pro-Palestinian protests in Madrid. **The Washington Post**, Washington, 14 set. 2025. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/sports/2025/9/14/vuelta-espana-palestine-protests/>. Acesso em: 15 set. 2025.

WOJTOWICZ, J.; ARCHER, A.; FRUH, K. Fans and fanaticism: the vulnerability of devotion and sportswashing as exploitation. **Philosophical Psychology**, p. 1-23, 2025.

WORDEN, M. Human rights abuses will taint the Olympics and the World Cup. It's time to end 'sportswashing' now. **The Washington Post**, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/01/03/beijing-olympics-human-rights-world-cup-qatar-sportswashing/>. Acesso em: abr. 2024.